

Área econômica tem alta rotatividade

GLEISE DE CASTRO

Em seis meses de governo, Itamar Franco conseguiu a proeza de trocar três vezes de ministro da Fazenda e duas de ministro do Planejamento. Pelo Ministério da Fazenda passaram Gustavo Krause e Paulo Haddad, que acabou sendo substituído em 1º de março por Eliseu Resende. Haddad acumulou por mais de um mês os dois ministérios, até que Itamar nomeasse Yeda Crusius para o Planejamento, em 28 de janeiro.

A dança dos ministros da área econômica começou com Gustavo Krause, "o Breve", como ele próprio se definira. Krause ficou exatos dois meses e meio no Ministério da Fazenda. Saiu em 16 de dezembro, antes mesmo da votação do impeachment de Fernando Collor, que efetivaria Itamar na Presidência.

Puxões de orelha — O desgaste de Krause começou já na semana seguinte à sua posse, quando Itamar desautorizou um reajuste dos preços de combustíveis que ele havia decidido. Não teve a paciência de Haddad para aguentar por muito tempo as broncas públicas do presidente. O que apressou sua decisão foram as consultas de Itamar ao economista Décio Garcia Munhoz, seguidas da suspensão das privatizações. Amigo do ministro da Justiça, Maurício



O breve

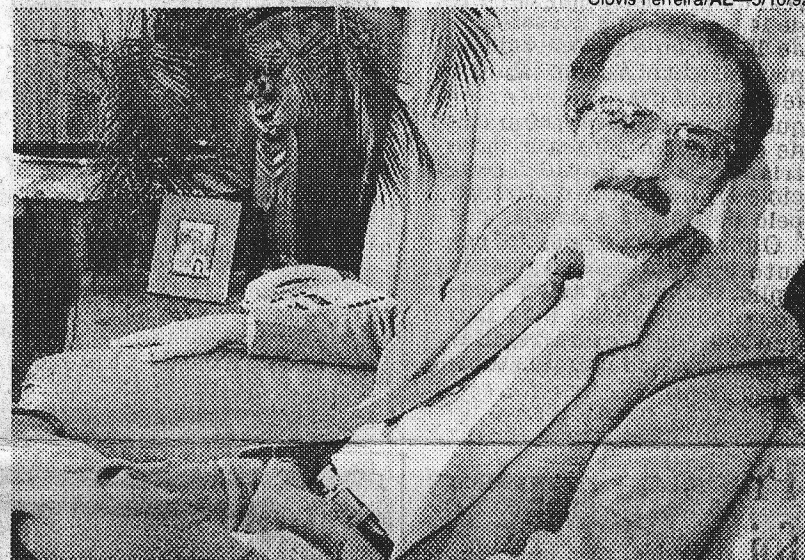
Gustavo Krause foi o primeiro a sair: apenas dois meses e meio no Ministério da Fazenda

Corrêa, Munhoz defendia, entre outros pontos, queda dos juros e retomada imediata do crescimento econômico, teses contrárias às de Krause e Haddad.

Humilhações — O desgaste de Haddad durou mais. Em quatro meses de ministério, dos quais dois como ministro da Fazenda no lugar de Krause, Haddad foi submetido a uma série de humilhações públicas do presidente da República. A sucessão de reprimendas engrossou em fevereiro, co-

meçando pelo desmentido de Itamar sobre um projeto de corte de três zeros no cruzeiro e mudança do nome da moeda para cruzeiro novo, divulgado pela equipe de Haddad. O ex-ministro teve de telefonar para o presidente, pedindo desculpas.

Em 26 de fevereiro, Itamar desautorizou mais uma vez seu ministro da Fazenda, que havia divulgado um dia antes alguns pontos de seu programa econômico. "Não existe nenhum Plano Haddad", disse Itamar. "Aqui quem manda sou eu."



O humilhado

Paulo Haddad durou quatro meses: série de reprimendas públicas do presidente

Mas a gota d'água para a saída de Haddad foi a nomeação, à sua revelia, das novas diretorias do Banco Central e Banco do Brasil, que lhe foram comunicadas por telefone pelo ministro-chefe da Casa Civil, Henrique Hargreaves.

Mombaça — "Ministro da Fazenda que se preze não pode ser informado por telefone da composição das diretorias de órgãos tão importantes como esses", disse Haddad.

Entre os escolhidos para a

diretoria do BB, figurava o ex-presidente da Câmara Paes de Andrade, que ao assumir interinamente a Presidência da República, em 1989, lotou dois Boeings e rumou para uma festança em Mombaça, sua terra natal. "Mas esse não é o Mombaça", perguntara surpreso Haddad a um assessor. Ele não concordou também com outras indicações, como a do contador mineiro Antônio Lopes de Sá para a diretoria administrativa do Banco Central só pelo fato de ser amigo do presidente.

André Dusek/AE—7/10/92

Clóvis Ferreira/AE—5/10/92